

## Fazer cinema, fazer-se cinema

A figuração de Glênio Póvoas em *Verdes Anos* era o indicativo de uma trajetória atrás e, por vezes, à frente das câmeras. Seu primeiro e elogiado curta, *Segunda vez*, integrou a seleção oficial do 9º Festival do Filme Super 8 de Gramado, em 1985. Mas foi *Passageiros*, curta codirigido com Carlos Gerbase, em 1987, que lhe deu ainda maior vitrine. O filme foi vencedor dos prêmios de melhor curta-metragem gaúcho e de melhor montagem no 15º Festival do Cinema Brasileiro de Gramado, além de participar de festivais e mostras no Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Cuba.

Gerbase, que fora professor de Glênio na Famedcos, não apenas se tornaria seu parceiro de set de filmagens como, anos mais tarde, colega de sala de professores. “Há um Glênio pesquisador e historiador, há um Glênio professor, mas também há um Glênio roteirista e diretor. A seriedade e a dedicação que ele tem como professor são replicadas quando está fazendo cinema e TV. Acho que ele deveria se aventurar mais nessa área”, acrescenta.

Nos anos 1990 e 2000, Glênio teve participações importantes no audiovisual, seja para cinema, televisão ou acervo. Localmente, pesquisou, roteirizou e dirigiu curtas e episódios de séries televisivas, como *A Ferro e Fogo* e *Histórias Extraordinárias*, da RBS TV. É nesta época também que, no Arquivo de Mídias da emissora gaúcha, desenvolve um trabalho fundamental para a memória do cinema no Rio Grande do Sul e no Brasil: a consolidação do Arquivo da Cinegráfica Leopoldis-Som, onde catalogou os documentários e cinejornais de

1930 a 1981 da pioneira produtora gaúcha.

Para a Globo, escreve, em 1994, junto com Gerbase, Jorge Furtado e Renato Campão, o roteiro da prestigiada série *Memorial de Maria Moura*, estrelada por Glória Pires. Dez anos depois, adapta para o cinema, ao lado de Furtado e da cineasta Monique Gardenberg, o romance *Benjamim*, de Chico Buarque, pelo qual recebeu o Prêmio Guarani de melhor roteiro adaptado.

Tamanha contribuição não passou em branco aos olhos de seus pares. Em 2019, Glênio recebe a homenagem da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine). Recentemente, mais duas distinções por seu papel essencial ao cinema gaúcho: o prêmio Sedac/Iecine, no Festival de Cinema de Gramado, em 2023, e o Prêmio Luís César Cozzatti, conferido pela Associação de Críticos de Cinema do RS (Accirs), em 2024.

Além de algumas aparições em filmes, o diretor e roteirista ainda se transporia totalmente para o outro lado da câmera. Em 2023, o cineasta Luiz Alberto Cassol dirige o documentário *Glênio*, em que aborda a marcante trajetória do agora protagonista. “O Glênio sempre foi merecedor de um filme, porque a pesquisa intensa e cuidadosa feita por ele proporciona refletirmos de forma profunda sobre o cinema produzido no Brasil e, especialmente, aqui no Estado”, explica Cassol, com quem Glênio vai dirigir o curta *A Biblioteca de Jorge Furtado* para uma mostra especial em homenagem ao diretor de *Ilha das Flores*, no final deste mês, na Cinemateca Paulo Amorim.



Imagem do curta *Passageiros*, que chegou a ser premiado em festivais

## Vocação: professor

Sem afetação, Glênio Póvoas confessa não se sentir vocacionado para ser professor. Contudo, a própria sala de aula contradiz sua opinião. De 1988, quando começou a lecionar Análise Fílmica na Graduação do curso de Comunicação Social da Unisinos, até 2022, quando foi dispensado da Pucrs e se aposentou, foram 34 anos dedicados à docência. Diversas cadeiras, milhares de horas-aula, incontáveis laboratórios e projetos avaliados, inúmeros alunos e muita experiência na bagagem.

“Glênio sempre levou muito a sério sua trajetória acadêmica e

sabia conquistar todo mundo com seu jeito despojado e, ao mesmo tempo, comprometido com a qualidade de ensino”, afirma Carlos Gerbase. Já Gustavo Spolidoro, que deu aula a seu lado por 10 anos no curso de Jornalismo da Pucrs, lembra com carinho e admiração dos anos de convivência com o amigo e colega. “Sempre preocupado com os créditos dos filmes e com dicas legais para os alunos”.

Se a passagem como professor horista pela Unisinos se encerrou em 2000, outra jornada diante das lousas começaria três anos antes a partir do convite de um mestre seu,



Cena da gravação do curta-metragem *Glênio*, dirigido por Luiz Alberto Cassol

o cineasta e professor Aníbal Damasceno Ferreira (1933-2013). Lenda do cinema gaúcho, Aníbal, que havia trabalhado, entre outros projetos, nos sucessos de bilheteria de Teixeira, nos anos 1960 e 1970, convidou-o para dividir com ele a disciplina de Produção de Cinema e TV e Cinejornalismo.

Gerbase orgulha-se de que Glênio e ele tenham herdado o legado acadêmico de Aníbal, conhecimento que compartilharam com gerações de discípulos. Entre estes, alguns ilustres, como o cineasta Filipe Matzembacher. De Berlim, na Alemanha, onde exibiu no Festival Berlinale o longa *Atto Noturno* (codirigido por Marcio Reolon), Matzembacher lembra do papel fundamental de Glênio para a sua formação como realizador. “Lembro da paixão dele por cinema, as falas emocionadas e as inúmeras recomendações. Ele me indicou vários filmes e livros, que acabariam se tornando fundadores da minha visão de cinema”, relata.

As nove vezes em que foi reconhecido como docente homenageado ou paraninfo não deixam mentir: o “não-vocacionado” Glênio tem jeito, sim, para ensinar.

## Homem-cinemateca

“Glênio Póvoas é sinônimo de pesquisa cinematográfica.” Esta frase, dita pelo cineasta e admirador Luiz Alberto Cassol, caberia na boca de muita gente. Afinal, Glênio se tornou, ao longo de suas mais de quatro décadas dedicadas ao cinema e à pesquisa, uma referência neste campo. A abnegação e o estudo que depositou sobre o filme *Vento Norte*, de 1951, primeiro longa-metragem filmado no Rio Grande do Sul, é um exemplo. A clássica película de Salomão Scliar foi dissecada por Glênio em sua passagem de dois anos e meio por São Paulo para a realização do mestrado na USP, período em que fez diversas amizades, entre elas, com o crítico de cinema, escritor e cineasta franco-brasileiro Jean-Claude Bernardet.

Após a temporada paulistana, voltou para Porto Alegre pronto para, enfim, criar uma cinemateca no Estado. A oportuni-

dade ideal parecia ter surgido por volta de 2005, com a formação da Cinemateca Capitólio. Após a participação voluntária em etapas iniciais do projeto junto a Sedac e Fundacine, Glênio percebeu-se, no entanto, alijado. “Tenho essa frustração. Meu sentimento é de pertencer àquela cinemateca por tudo que fiz e pela vontade que tinha de montá-la, mas me senti excluído na fase em que ela foi constituída”, diz.

Após um período sabático afastado do cinema (afora as obrigações das aulas na faculdade), a paixão falou mais alto. Em 2019, convidado pelo cineasta Zeca Brito, à época à frente do Iecine, e por Fatimarlei Lunardelli, Glênio voltou à ativa - e com tudo - para erigir o Portal do Cinema Gaúcho.

Na primeira etapa da pesquisa, Glênio e sua equipe se concentraram nos longas a partir de 61 minutos de duração. E em todos

os formatos existentes: 35 mm, 16 mm, 8 mm, super-8, VHS, Beta-cam, DV, digital, DCP e, inclusive, DVDs de shows musicais ou espetáculos teatrais.

“O Glênio é um pesquisador nato, o que é muito comum nas ciências exatas, mas não nas humanas”, considera Fatimarlei. “Sorte nossa termos alguém como ele, que tem um valor inestimável para a memória e para a história do cinema no Estado e no Brasil, o que nos permite compreender, inclusive, os caminhos do cinema na América Latina”, destaca.

Para Carlos Gerbase, “a sagrada obsessão de Glênio Póvoas precisa ser aproveitada ao máximo, para orgulho de quem trabalha com o cinema desta província meridional”. Já Jorge Furtado sentencia, em uma palavra, o que Glênio significa para a memória cinematográfica do Rio Grande do Sul e do Brasil: “Guardião”.



Daniel Rodrigues é jornalista, escritor, radialista e crítico de cinema. Atual presidente da Accirs, tem duas obras lançadas (*Anarquia na Passarela: a influência do movimento punk nas coleções de moda* e *Chapa Quente*), além de participação em antologias de contos e no livro *50 Olhares da Crítica Sobre o Cinema Gaúcho*, editado pela Accirs.